

“Do siriri ao coco de roda”: Cultura e musicalidade na comunidade quilombola do Barro Branco

Johnne Lendon Cardoso Lins
IFPE- Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Pernambuco
Johnnelclins.tuba@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa resulta de ações extensionistas, fruto do projeto intitulado “Batuque na cozinha sinhá num qué”: Traçados de negritude e musicalidade no agreste pernambucano, que se desenvolveu entre agosto de 2013 à agosto de 2014, associadas às atividades de observações e intervenções demandadas pelos componentes curriculares dos estágios I e II. A presente atividade ocorreu na Comunidade Quilombola do Barro Branco, situada na zona rural de Belo Jardim, no agreste pernambucano. Seu principal objetivo foi mapear e visibilizar práticas musicais manifestadas no cotidiano dessa comunidade, expressa também nas práticas escolares, étnicas e culturais diversas. Essa investigação deu-se a partir do uso de metodologias como a observação participante, a bi musicalidade e a entrevista não estruturada. Sendo que pôde-se traçar uma linha de pesquisa analisando a musicalidade existente na comunidade. Baseando-se em Clifford Geertz, que trata a cultura como uma rede semiótica de signos, utilizamos a etnografia para mapear essas hierarquias de signos dentro da comunidade. Enfatizando cada vez mais a importância da musicalidade como objeto transformador no âmbito escolar, familiar, social e comunitário.

Palavras-chave: Práticas Musicais, Práticas Escolares e Cultura; Comunidade Quilombola

Conhecendo a comunidade e sua musicalidade

Ao ingressar na licenciatura em música no ano de 2013, fui logo apresentado a um grande número de projetos desenvolvidos pelo *campus* Belo Jardim, estes, são direcionados a várias vertentes no âmbito da música. Sempre gostei muito de pesquisar sobre fatos que de alguma forma, seriam relevantes para o presente, foi quando conheci o projeto de extensão intitulado “Batuque na cozinha sinhá num qué’: Traçados de negritude e musicalidade no agreste pernambucano”. Este que vinha se desenvolvendo há um ano, com ênfase à pesquisa sobre a musicalidade da Comunidade Quilombola do Barro Branco, que está situada na zona rural do município de Belo Jardim, mais precisamente no quilômetro 5 da Pe. 180, entre as cidades de Belo Jardim e São Bento do Una.

Desde seu início, o projeto trouxe uma importante contribuição para a comunidade, fazendo com que toda aquela cultura que estava sendo pouco divulgada aos mais jovens, pelos mais velhos, fosse aos poucos trazida para a realidade local. Por meio de entrevistas nas casas da comunidade, o projeto foi tomando forma e dimensões muito grandes. A partir de então, podia-se traçar um pouco da história musical daquele grupo, fazendo com que os mais jovens pudessem visitar e entender suas histórias, bem como, a importância dela no desenvolvimento da comunidade, por meio dessa dinâmica cultural entre os moradores mais antigos e os mais jovens. Fortalecendo, com o passar do tempo, a cultura local e desenvolvendo resistência a esse processo.

Todas as atividades e oficinas desenvolvidas na comunidade foram registradas em vídeos e diários de campo, posteriormente transcritos. As informações coletadas foram muito importantes para a divulgação dessa cultura na própria comunidade e fora dela, além de apontarem para o planejamento de futuras intervenções, tendo em vista o amplo campo de pesquisa que aos poucos se revelava.

A Comunidade Quilombola do Barro Branco ainda possui diversos aspectos de seus antepassados que eram escravos, que cruzaram o agreste à procura de terras que lhes proporcionassem a prática da agricultura de subsistência¹. Da mesma forma a cultura musical da comunidade sofreu algumas transformações no decorrer dos anos, acarretando uma “resistência” dos mais novos a sua cultura de raiz. Sobre este termo Laraia diz; tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (2006, p.25)

Afim então de pesquisar sobre o assunto buscando respostas e apontando formas para esse “resgate” da cultura local, passamos um ano entrevistando, transcrevendo, investigando, e o mais importante participando do dia a dia da comunidade, onde fomos apresentados à vida material simples, porém enriquecida pela diversidade de práticas culturais que marcam a existência desse grupo.

Após o término do projeto de extensão, continuei na comunidade, agora para desenvolver os estágios supervisionados I e II, que aconteceram no ano de 2015, desta vez na única escola que atende a comunidade. Tendo então, a chance de fechar um ciclo de pesquisa e aprendizado neste projeto de extensão havíamos trabalhado na comunidade com os moradores mais antigos. Com os estágios estávamos trabalhando com os moradores mais jovens, toda cultura pesquisada anteriormente, que começava a ser repassada, repensada e revisitada.

A partir do momento que a academia volta seu olhar para assuntos como este, pode-se notar a importância de cada vez mais se propor essa troca de conhecimentos. Onde ambas as partes saem ganhando, se por um lado o graduando tem a oportunidade de conviver com uma cultura, uma musicalidade tão específica e rica que de fato muito contribuiu para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal, por outro lado, a comunidade passa a se reconhecer enquanto parte integrante de um grande movimento cultural e musical.

¹ prática discretamente encontrada na comunidade, atualmente, que garantia que os moradores se alimentam basicamente do que plantavam.

Uma história de resistência, sonhos e música

Visitando o passado, de forma resumida, pode-se constatar o seguinte: quilombo não significou apenas um lugar de refúgio de escravos fugidos, mas a organização de uma sociedade livre, formada de “homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema”. (MUNANGA & GOMES, 2006)

A cultura africana teve forte impacto nas definições culturais identitárias brasileiras em todas as formas de manifestações desse universo. Na formação de nossa cultura, o negro africano foi um importante componente trazendo relevante contribuição para formação cultural e histórica. No entanto, as realidades vividas pelos descendentes de escravos e comunidades quilombolas ainda se encontram bastante desconhecidas no contexto social brasileiro.

Toda essa cultura, acompanhou as famílias desde a África até os quilombos, onde se abrigavam quando conseguiam fugir das fazendas, e dos quilombos até hoje em dia nas comunidades remanescentes que ainda se mantêm em diversos estados brasileiros. Um dos mais famosos desses abrigos foi o quilombo dos palmares na zona da mata norte do estado de Alagoas, que tinha como líder Zumbi dos Palmares. Com o fim dos quilombos, várias famílias começaram a migrar para diversos locais diferentes, sendo que, em sua grande maioria, para o interior do estado de Pernambuco onde se localizavam as fazendas ou quilombos onde viviam.

Em Pernambuco, essas várias famílias oriundas do então extinto Quilombo dos Palmares, no vizinho estado de Alagoas, adentraram em nosso estado, exatamente na zona de transição entre a mata sul e o agreste, por conta da proximidade dos estados. Barro Branco nasce dessa fuga em busca de terras onde se pudesse plantar e construir moradias nessa longa caminhada pelo interior de Pernambuco.

Desde o início de nossa inserção, procuramos formas e métodos que nos incluíssem na comunidade, sendo que, pudéssemos conviver o máximo possível com os moradores locais. Compartilhando assim, de seu dia a dia, de seus afazeres, de seus costumes, construindo aos poucos uma ligação entre pesquisador e pesquisando. Sempre estávamos atentos para não intervir no desenvolvimento dessas tarefas diárias, ficando perto, porém, afastados o suficiente para que fosse posto em prática as metodologias antes definidas. Tendo a etnografia e a entrevista não estruturada, como base de nossa intervenção na comunidade.

A Etnografia (*éthnos*, povo; *graphein*, escrever) consiste em um dos ramos da ciência da cultura que se preocupa com a descrição das sociedades humanas². Segundo Lévi-Strauss,

a Etnografia “consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (frequentemente escolhidos, por razões teóricas e práticas, mas que não se prendem de modo algum à natureza da pesquisa, entre aqueles que mais diferem do nosso), e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles” (1967:14)

Tendo a etnografia como uma das bases principais de nossa pesquisa, procuramos descrever, observar e reconstituir ao máximo a comunidade em questão, analisando todo conjunto de signos que constituem a cultura local. Base esta, que nos proporcionou a utilização da observação participante que é uma ferramenta da etnografia, onde o pesquisador tem um contato maior com o pesquisando.

Bogdan e Taylor (1975) definiram Observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada havendo uma troca de informações entre os dois lados. Tendo então esta base mais desenvolvida, usamos agora a bi musicalidade que é uma ferramenta da observação participante, e que consiste no fazer musical entre as duas partes envolvidas na pesquisa.

² No meio antropológico não existe consenso do que é etnografia, alguns tratam como metodologia, teoria, técnica de construção de dados etc.

Havíamos preparado um repertório com algumas músicas locais, que alguns moradores mais antigos já tinham nos passados a partir de entrevistas não estruturadas, a fim de tocar, cantar e dançar junto com os moradores, para que alguns dele pudessem nos passar alguma informação acerca da musicalidade local e também de como essas músicas eram entoadas e em quais lugares.

Essa pesquisa, se estendeu durante todo projeto de extensão que durou um ano (de agosto de 2013 a agosto de 2014), mantendo esses encontros musicais, conseguimos traçar uma linha na história musical da comunidade.

Os encontros musicais são sempre muito divertidos acima de tudo, sempre aprendemos muito enquanto pesquisadores e futuros professores. As músicas, o local, os arredores, tudo é muito propício. Na comunidade, podemos ver a importância da música no desenvolvimento e preservação da cultura como um todo. (Diário de campo- Projeto de extensão- março de 2014)

Basicamente, a música na comunidade se caracteriza além das músicas de trabalho, das cantigas de comemorações e canções religiosas. As músicas de comemorações são as mais conhecidas nas comunidades quilombolas, pelo fato de serem canções alegres e que possuem letras repetitivas de fácil assimilação. Essas composições são cantadas em diversas ocasiões especiais como; nascimentos, batizados, casamentos, datas especiais etc. O canto está sempre presente em seu cotidiano e nas festas, entre os quilombolas há um grande número de cantores e compositores, essas festas tradicionais são resultado de muitas influências: negra, indígena e católica. Entre as danças consideradas pelos quilombolas como parte de sua tradição estão o lundu, a valsa e a mazurca.

A cultura das músicas em novenas e velórios é uma das mais antigas que se tem registro em diversas comunidades indígenas e quilombolas. Essa foi a parte musical trazida desde os quilombos que menos sofreu alterações no decorrer dos anos, assim, a morte é tida até hoje em dia como uma “passagem” e esta deve ser alegre, sendo na parte da novena as músicas adotam um sentido mais tristes, são músicas introduzidas a orações. Em ambos os casos, aconteceram diversas modificações e ritmos e letras das músicas, porém, sua colocação e importância permaneceram os mesmos

Fomos testemunhas das transformações que a música pode fazer, se for incluída e passada de forma adequada, seja na parte pedagógica, ou no ensino e aprendizagem. Todo processo que começara com o projeto de extensão, que passou pelos estágios supervisionados I e II, que tramitou pelos textos e artigos desenvolvidos a partir de então, que mais do que informações e dados, traz consigo um recorte emocional, e experiências únicas.

Quando nos aproximamos dos moradores e fomos entendendo suas formas de vida, percebemos que estávamos diante de algo bem maior do que imaginávamos. Toda a cultura musical que está entrelaçada na comunidade, traz consigo uma série de outras características que rodeiam e influem direto e indiretamente no dia a dia e na continuidade da história da mesma. Pesquisar sobre toda essa história musical e sobre todos esses signos e significados, é adentrar em nossa própria história, reconhecendo lá características de nossas vidas, uma vez que também pertencemos ao agreste pernambucano.

Percebi então que, zelar pela cultura quilombola, e tantas outras formas de cultura é principalmente uma forma de reconhecimento à todo trabalho e toda musicalidade desenvolvida durante décadas, expressões estas, que fez desenvolver o agreste, surgir tantos e tantos municípios, que abriu portas para diversos novos movimentos, possibilitou novas discussões sobre diversos temas e principalmente mostrou a importância da música em todos esses momentos.

Referências

BOGDAN, R; TAYLOR, S . *Introduction to qualitative research methods: a phenomenon logical approach to the social sciences*. New York. J. Wiley, 1975.

Diários de Campo; *Estágios Supervisionados I e II*. IFPE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco- Campus – Belo Jardim, 2015.

GEERTZ, Clifford, 1926- *A Interpretação das Culturas*. - 1., IS. Reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo, Editora Global, 2006.